Revista Contexto Geográfico

ISSN: 2595-7236

Artigo | *Article*

Contribuição ao estudo dos centros de cidades: o exemplo da cidade do Salvador[1]

Milton Santos

O prof. Dr. MILTON SANTOS, sócio efetivo da A.G.B., diretor do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia e professor de Geografia Humana na Faculdade Católica de Filosofia da Bahia, tem dedicado particular atenção ao campo da Geografia Urbana. No presente trabalho procura conceituar o que seja o "centro" ou "área central" de uma cidade, através de sugestivos exemplos, particularmente o da cidade do Salvador, capital da Bahia.

Em 1944, A. CHATELAIN dizia que "a Geografia urbana oferece um campo de pesquisa ainda muito pouco explorado"[2]. Ainda que daquele ano para cá numerosos trabalhos e progressos metodológicos tenham ilustrado consideràvelmente êsse aspecto da ciência geográfica, pensamos que o estudo dos centros de cidade muito poderá enriquecê-la, pela complexidade de problemas que sugere.

I — OS CENTROS DE CIDADE

Uma primeira questão seria a de precisar bem o valor das palavras, estabelecendo o que se deveria considerar como o centro de uma cidade. Não se trata de delimitar rigorosamente o perímetro de estudo; isto, de resto, seria impossível, em virtude das variantes regionais, difíceis de enfeixar em um esquema rígido.

[1] Texto publicado originalmente no Boletim Paulista de Geografia, n° 32, em julho de 1959.
[2] Nota do autor: CHATELAIN (Abel) *De la Cité a la banlieue*", "Les Études Rhodaniennes", vol. XXI, n.° 3 e 4.

https://doi.org/10.28998/contegeo.11i.11.22047

Artigo publicado sob a Licença *Creative Commons* 4.0

Submetido em: 10/10/2026
Aceito em: 30/10/2026
Publicado: 18/11/2026

Na realidade, não há um só tipo de centro urbano, variando de civilização para civilização, quer do ponto de vista formal, como do ponto de vista do conteúdo. Há centros de cidades formados de velhas construções e outros de edifícios recentes; há centros de cidade constituidos de arranha-céus e outros de casas térreas. Há os que ainda misturam atividades comerciais no andar térreo dos prédios e residências nos demais pavimentos, enquanto em outros aparece o tipo “city”, quarteirões inteiramente desprovidos de vida noturna e que durante o dia vivem numa agitação ininterrupta. Tais fatos são resultantes da maior ou menor complexidade do fenômeno urbano, do pêso maior ou menor da história, mas não deixam de constituir “nuances” ainda mais realçadas na paisagem pelos aspectos culturais e históricos da elaboração urbana.

O que se deve considerar como centro de cidade — Todavia, aos centros urbanos, pode-se reconhecer aquela qualidade realçada por BONNURE, quando os considera como “a parte de uma aglomeração urbana que apresenta a maior animação e conhece a mais forte atividade, sob tôdas as suas fórmas”. Isso lhes atribúi individualidade, em relação aos demais elementos do organismo urbano. Mas o que dá aos centros de cidade um característico comum é a natureza das atividades que aí se processam, responsáveis que são pelos aspectos de paisagem e de estrutura que asseguram mais fortemente aquela individualidade. É evidente que seria ocioso ir procurar no centro de uma cidade de província ou em modesta capital regional os mesmos elementos materiais e formais que se encontram em Londres, Nova York, Paris ou São Paulo. Mas em todos êsses organismos, não importando o tamanho nem a importância, localizam-se as instituições diretoras das atividades da respectiva região de influência. A maior ou menor extensão desta última, bem assim a maior ou menor complexidade das respectivas atividades, é que conferem ao centro de cidade uma significação variável.

Sem dúvida, pequenas cidades do interior encontram elementos de diferenciação entre o que chamam de “rua” e o resto da localidade. A “rua” é o comércio, o centro da cidade. É tão mais indiferenciada do restante do organismo urbano quanto, também, menos diferenciadas forem as atividades do seu “arrière-

pays", salvo a exceção das agriculturas comerciais prósperas em regime de monocultura. Isso tratando-se de núcleos mais ou menos diretamente ligados, pelas suas funções, ao meio agrícola circundante.

Acima dêsse escalão, temos cidades que exercem um papel de cabeça de região ou são metrópoles puramente comerciais e que, guardadas as proporções, igualmente refletem, em seu funcionamento e em sua estrutura, as características e a vida de sua região de influência.

Mas há, também, as metrópoles integrais, que se caracterizam por estarem no polo mais alto da hierarquia urbana. Sediam atividades superiores que, por um lado, submetem à sua dependência capitais regionais e metrópoles puramente comerciais e, por outro lado, as colocam em posição a um tempo de independência e igualdade em relação às outras metrópoles. Isso não exclúi, entretanto, a existência das chamadas super-metrópoles, as metrópoles mundiais, que se repartem a condução direta ou indireta negócios políticos e econômicos de vastas áreas do globo e lutam entre si para a conquista de um espaço cada vez maior.

Seja qual fôr, porém, o grau de centralidade do organismo urbano, êle se caracteriza pela concentração de recursos e funções, que lhe conferem o poder de organização. Essas atividades têm um lugar próprio no espaço urbano. É seu centro.

Haverá assim a tendência a considerar como o centro de uma cidade, do ponto de vista geográfico, o seu *centro de negócios*. Êste geralmente se dobra de um centro de atividade[3], que lhe é limítrofe ou superposto. Cidades há que possuem apenas um centro de atividades, enquanto outras vêm aparecer vários, para servirem aos diferentes bairros já organizados. Mas o centro de negócios é apenas um, em vista da solidariedade, inclusive geográfica, das atividades e funções diretoras da vida urbana e regional que nele têm sede. O estudo do centro de cidade deve abranger, pois, êsse centro de negócios e o centro de atividade que lhe fica contíguo.

[3] Nota do autor: É o que R. DUGRAND chama de "zone de chalandage" (Tese inédita sôbre as cidades do Baixo-Languedoc)" e A. CHATELAIN batizou como "Zone d'activité commerciale" (De la cité à la banlieue, "Revue de Géographie de Lyon", Vol. XXI, n.° 3).

É evidente que não procuramos aqui definir êsse elemento do organismo urbano, mas apenas estabelecer uma tentativa de conceituação. De resto, as análises monográficas sôbre centros de cidade não são numerosas, correndo o perigo de cometer graves êrros quem se aventure a oferecer uma definição, que é por natureza ampla e compreensiva, de um fenômeno ainda não suficientemente conhecido e estudado.

Lugar do estudo dos centros de cidades na Geografia Urbana geral. — Uma outra indagação merece ser logo respondida, antes do mais. Será que o centro de uma cidade, por maior que ela seja, póde fornecer uma paisagem capaz de justificar, êle exclusivamente, um estudo geográfico separado? De fato, o centro urbano não constitúi por si só uma realidade geográfica e é preciso não exagerar a êsse ponto. Aliás, sendo a indivisibilidade da paisagem geográfica um dos postulados básicos da ciência geográfica, é o estudo da cidade, seja como fórma de atividade, seja como forma de organização, uma prova indiscutível de que possuímos um campo de ação próprio.

A formação e o desenvolvimento da região e do organismo urbano são ìntimamente ligados, do mesmo modo que os diferentes elementos dêste ultimo o são, no interior da cidade. Os estudos de geografia urbana o demonstram claramente, principalmente quando buscam interpretar a paisagem através as relações entre cidade e região. Do mesmo modo, dentro da cidade, os diferentes elementos que a formam mantêm entre sí uma certa correlação, influindo-se mùtuamente.

O centro é um dêsses elementos e, ao nosso ver, certamente o mais representativo. A periferia da cidade não evolúi de maneira igual, de modo que um mesmo organismo urbano póde ter subúrbios com as mais diversas funções e fisionomias, uns sem relação direta com os outros. Os bairros refletem na paisagem e estrutura as condições sociais dos moradores; assim, numa mesma cidade, se justapõem bairros dos mais diversos tipos, cada qual levando uma vida urbana, seja da vida regional. O centro da cidade, entretanto, é sempre um resumo, uma síntese dos outros elementos e se as suas sub-áreas representam aspectos particulares da

funcionalidade urbana, estas mantêm entre si relações muito íntimas, de tal modo que terminam por formar um verdadeiro conjunto coerente.

O centro da cidade reflete, ao mesmo tempo, as fórmas atuais da vida da região e da cidade e o passado, seja pela evolução histórica da cidade e da região, seja pelo sítio inicialmente escolhido para instalar o organismo urbano e que, salvo certas exceções, pesa durante muito tempo sôbre a distribuição espacial das atividades, influindo portanto sôbre o centro. Porisso, o estudo isolado do centro urbano não parecerá um desvirtuamento dos compromissos científicos e metodológicos da geografia, mas um seu enriquecimento, desde que leve à comprovação das repercussões que sôbre a parte central da cidade têm o passado e o presente da cidade e da região de influência.

A idéia de dinamismo, inseparável das preocupações de qualquer estudo geográfico, representada pelas fòrmas presentes da vida, isto é, pelas funções regionais e urbanas aparece como um fator ativo. Como fatôres passivos encontramos seja o sítio, sejam as estruturas antigas (quando existem), que revestem a fórma de relíquias históricas, mas podem algumas vêzes superar essa passividade e exercer um papel claramente negativo, quando, por exemplo, sua existência depende da legislação que protege os monumentos, etc.

O centro de uma cidade é, assim, o teatro dessa luta de tendências. Sua síntese se manifesta pela criação de uma paisagem. Os componentes dessa paisagem refletem uma parte de escolha, representada pelo estilo das construções e os processos de urbanismo, mas refletem sobretudo as necessidades e condições próprias a cada etapa da evolução urbana. A paisagem é, então, o resultado de uma combinação de elementos, cuja dosagem supõe um certo ritmo de evolução e um certo dinamismo; e o elemento de contradição é representado pelos fatores de inércia já mencionados.

É por isso que os centros de grandes cidades possuem aquele ar de família, que provem da concentração a que estão sujeitas as atividades diretoras da vida urbana e regional. Entretanto, e por outro lado, guardam uma originalidade de

arrumação que, no interior dos quadros urbanos, se póde distinguir pelos seguintes motivos:

(1) o sentido e o ritmo da evolução da região e da cidade;

(2) os dados do sítio;

(3) as formas atuais da organização e da vida urbana, incluindo, de um lado, o dinamismo atual (fôrças de transformação) e, de outro lado, as fôrças de inércia, representadas pela resistência, maior ou menor, que oferecem as estruturas provindas do passado.

São êsses os elementos que merecem ser estudados no quadro geral dos tipos urbanos, se queremos fazer um esfôrço de reconhecimento das fórmas particulares de organização dos centros de cidade.

Acreditamos que, em todos os casos, essa análise comportará outrossim, três séries de indagações. Em primeiro lugar, o tipo de relações mantidos entre cidade e região. O gênero de atividades que a cidade desempenha terá necessàriamente consequência sôbre o centro urbano, sendo êste tão mais representativo da zona de influência da cidade quanto menos industrial fôr a civilização de que cidade resulta. Depois de verificar assim, o lugar da cidade em sua região, caberá estudar o papel do seu distrito central.

A segunda indagação levará à verificação das relações entre o centro e as outras partes da cidade. Assim, estudar-se-á: 1) se o organismo urbano dispõe de apenas um centro, que adicione o papel de centro de negócios ao centro de atividades para tôda a cidade, ou se há vários centros de atividade, e qual sua importância. Êsse detalhe é de todo interêsse, pois a inexistência de centros secundários faz com que, do ponto de vista da paisagem, o centro único seja bem mais representativo da vida urbana e regional. Dentro, ainda, dessa segunda indagação, cabe, também, estudar o que poderemos chamar de “front" pioneiro do centro urbano, que começa por desorganizar as áreas afetadas, antes da conquista definitiva. É um dos fundamentos

do aparecimento de zonas de degradação, aspecto peculiar a muitas cidades, e que merece ser igualmente analisado num estudo de centro urbano.

A terceira série de indagações se dirigirá para a análise do próprio centro urbano, estudada genética e funcionalmente a paisagem, de modo que os seus aspectos formais se mostrem em relação com os de conteúdo.

A individualidade dos centros de cidade. Expressão de verdadeira síntese dos vários elementos geográficos da vida urbana e regional, a personalidade dos centros de cidades póde ser mais vigorosamente verificada no interior de uma mesma série urbana, em cidades geradas por um mesmo tipo de civilização.

Essa individualidade póde ser bem comprovada nos três exemplos seguinte, tomados, aliás, em uma mesma civilização. As cidades de Dakar, no Senegal, Bamako, no Sudão, e Abidjan, na Costa do Marfim, são a cabeça de um “arrière-pays” de economia colonial, têm como ponto de contato aquêle característicos apontado às cidades de colonização ocidental recente: uma segregação entre europeus e africanos bem nítida na paisagem urbana. Ainda que essa separação não tenha os aspectos em tôda as três cidades, ela se verifica. É o traço comum à organização urbana. Todavia, a velocidade da incorporação à economia moderna, os tipos de economia a que presidem, a história urbana, incluindo aí o sítio urbano, levaram a arrumações peculiares do centro de cada uma delas.

Em *Dakar*, centro do comércio de luxo fica na Avenida Roume e suas transversais. Essa avenida se continua, entre outras, pela avenida Clemenceau, onde fica o comércio pobre. Esta última avenida fica em relação com os bairros indígenas, ao passo que a primeira se comunica diretamente com os bairros europeus. Isso não significa que haja interdições ao livre trânsito. Pelo contrário, os indígenas circulam livremente e são numerosos em tôda as partes do centro urbano. Os prédios com andares têm geralmente residência nos pavimentos superiores, sobretudo no centro varejista pobre, dominado pelos Sírio-Libanêses que aí instalam suas famílias ou alugam aos funcionários europeus. Tal fato se deve à fraqueza do setor terciário urbano, sobretudo da classe serviços que não permite sejam numerosos os médicos, advogados etc.

Isso não obstante, o centro como que concentra todo o comércio das utilidades de segunda necessidade, uma vez que nos bairros há mercados, miseràvelmente instalados em toscas barracas de madeira, mas que servem ao abastecimento diário da população. Tais mercados-feiras são uma espécie de centro comercial dêsses bairros.

Dêsse modo, as atividades que têm fôrça para criarem um quadro são a administração e o banco e conexos, como as companhias de exportação. São êsses os possuidores dos maiores edifcios, situados próximo ao pôrto, em tôrno da praça Proté.

Êsse centro, que se eleva em altura, é um fato novo em Dakar, pois há cerca de 10 anos não havia prédio com mais de dois andares. É uma violenta transformação do velho quadro (nem mesmo tão velho), sob o influxo de várias causas.

Em *Bamako*, cidade de 70 000 habitantes, que é a capital do Sudão e que junta a uma função comercial uma função administrativa importante, o centro urbano forma-se de casas térreas ou com apenas um andar. Há uma certa tendência à fixação do comércio de luxo no cruzamento de duas avenidas principais. A forte influência muçulmana se faz sentir pela presença de inúmeros “souks”, na maior parte das ruas centrais, uma espécie de feira permanente, um comércio ao ar livre, expostas as mercadorias em plena rua, defronte dos estabelecimentos comerciais.

A inexistência de prédios altos se liga à inexistência pràticamente também de um setor terciário. Êste quase que se limita aos 3 500 funcionários, sem incluir naturalmente os que não dispõem de considerável poder aquisitivo. Não contando com indústrias, nem sendo um pôrto, praça comercial sem a importância de Dakar ou Abidjan, a paisagem do centro urbano de Bamako é modesta.

A cidade européia está ladeada por dois conjuntos de bairros africanos. Do alto, pode-se perfeitamente distinguí-las pela diferente quantidade de verde. A cidade européia é que efetivamente contribuí para dar à capital do Sudão o apelido com que é conhecida: cidade verdura, pois amplos jardins cercam as residências. Enquanto isso, os bairros africanos são compactos, sendo bem menor a percentagem de área

verde. A existência de bairros indígenas a leste e a oeste do bairro ocidental leva a valorização do sítio do cruzamento onde estão os “magasins” que arremedam as lojas européias, enquanto o comércio popular se derrama em tôdas as direções.

Em *Abidjan*, capital da Costa do Marfim e principal pôrto de exportação dos seus produtos comerciais, o centro começa a adquirir um aspecto verdadeiramente monumental, ligado à intensa atividade comercial desenvolvida pela cidade, que é a metrópole do país que contribúi com a maior parcela das exportações da África Ocidental Francêsa. Alguns prédios misturam utilização comercial, nos andares térreos, e residências nos superiores, mas são também numerosos os que estão inteiramente ao serviço de atividades comerciais. Êsse centro comercial quase que sòmente abriga um comércio de luxo. Desenvolve-se no chamado “Plateau”, onde igualmente se encontram residências de europeus.

Um antigo campo militar é uma espécie de “coupure” entre o Plateau e Adjamé, importante bairro indígina, do mesmo modo que a laguna separa o centro de negócios e de atividades do bairro de Treichville, que é o maior conjunto de bairros africanos. Treichville cresceu em relação com o próprio crescimento da cidade, vendo desenvolver-se o seu comércio, que se transformou em um autêntico comércio local, servindo a vários bairros, bem como as numerosas feiras espalhadas em pontos estratégicos. Admite-se que a laguna tenha funcionado como “coupure" entre uma parte e outra da cidade, de modo que o centro principal do Plateau ficou sendo apenas o comércio de luxo. A construção da moderníssima ponte Houphouet-Bougny e a expansão do pôrto levaram a edificação de numerosos prédios grandes ao longo da estrada para Port-Bouet, prédios que servem como depósitos e sedes de escritórios de companhias nos andares térreos e residência de europeus nos andares superiores Dêsse modo, aquele bairro deixou de ser puramente africano. Por outro lado, a recente rápida formação de uma burguesia eburneana, ligada à exploração da terra (cacau e café), bem como a ascensão política dos indígenas, têm servido a um nivelamento no sentido oposto, havendo numerosas casas de africanos nos bairros denominados de europeus.

Quanto à arrumação do centro, o que há essencialmente é a presença de um comércio bancário, de grosso e de luxo, no “Plateau” tendência que vai se afirmar com a especulação advinda com a construção dos novos e grandes edifícios. Por outro lado, nos bairros africanos há um comércio popular, além de mercados e feiras. O campo militar no que se refere a Adjamé, e a laguna, quanto a Treichville, desempenharam o papel de obstáculo a que o centro principal perdesse as características com que começou, junto ao antigo pôrto.

II — UM CASO PARTICULAR: O CENTRO DA CIDADE DO SALVADOR

O caso de Salvador é, de modo geral, o das grandes cidades que marcam uma espécie de traço de união entre um mundo rural, a cuja vida presidem e do qual comercializam os produtos, e um outro mundo, industrial, que lhe compra as mercadorias. Pensamos que a transcrição dos métodos de trabalho que utilizamos no estudo do seu centro e dos principais resultados obtidos possa ter alguma utilidade.

À procura de um método. — Estudando o Centro da Cidade de Salvador, preferimos nos demorar na apreciação e exploração de casos particulares, procurando, no fim de cada capítulo, recolocar os problemas em um âmbito mais geral. Procuramos, assim, escapar a juizos de valôr já estabelecidos, fonte de raciocínios equívocos e generalizações perigosas. Analisando aspectos concretos da vida dessa cidade, objetivamos oferecer uma modesta contribuição à geografia urbana geral, que se ainda está longe de se constituir definitivamente é porque lhe faltam estudos regionais mais numerosos, e que serão tanto mais úteis quanto mais se puderem fazer sem espírito de sistema e sem idéias preconcebidas.

No caso de Salvador, como no de tantas outras cidades, brasileiras ou não, faltam estudos sistemáticos sôbre outros aspectos da vida urbana e regional, tão necessários à compreensão da cidade. Isso nos obrigou a tatear, nós mesmos, sôbre êsses fatos paralelos. Não tínhamos, nem podiamos ambicionar isso, a pretensão de oferecer uma análise completa de cada um deles, mas sómente alcançar uma

compreensão global do fenômeno a estudar. Assim tais problemas participaram do trabalho apenas como problemas, ricos, sem dúvida, de inspiração, mas que foram tomados apenas na medida em que se mostravam capazes de ajudar a compreensão de uma paisagem e de uma estrutura, isto é, de explicar uma organização particular do espaço.

A tarefa traz em seu bojo inúmeras dificuldades a transpôr, que experimentarão também outros pesquisadores em condições semelhantes às nossas.

A Geografia Urbana não póde dispensar a colaboração da História, na pesquisa da evolução do fenômeno urbano, nem da Estatística, para a medida dos fatos de massa. Infelizmente, os trabalhos dos historiadores, salvo as exceções muito honrosas de que nos utilizamos talvez abusivamente, estão orientadas para o estudo de detalhes. Mesmo êstes detalhes não são capazes de abraçar os quatro séculos da evolução urbana de que, salvo aquelas exceções, dão apenas uma idéia imprecisa e fragmentária. A construção dessa “geografia retrospectiva” tão útil à descoberta das raízes do presente é então impossível.

Os dados estatísticos, por sua vez, não são inteiramente válidos senão após 1940. O recenseamento de 1920 foi sensivelmente defeituoso e os precedentes o foram ainda mais. As contagens feitas após 1940 se revestiram de um louvável rigôr, mas foram procedidas segundo um quadro “standard” para todo o Brasil, e, do mesmo modo, a sua apuração se deu também de modo mais ou menos uniforme. Ora, a enorme extensão do Brasil e suas grandes diferenças regionais fazem com que os resultados sejam sempre embaraçantes, quando se quer estudar casos particulares. Isso não dá para se pretender o exagêro de pedir um recenseamento com perguntas específicas para cada cidade, mas seria de desejar ao menos um sistema de apuração diferente para os maiores organismos urbanos. A distinção entre o que se considera urbano e suburbano e rural é um exemplo. Por outro lado, a constante preocupação de melhoria dos métodos de pesquisa provoca uma certa instabilidade das questões submetidas à “enquête”, o que muitas vêzes torna difícil uma comparação válida.

Um primeiro trabalho, pois, tanto para a reconstituição dos fatos antigos, como para a interpretação dos dados atuais e recentes, foi um trabalho de triagem, pela

eliminação de fatos e de números cuja reunião dava resultados não conformes à evolução comprovada do organismo urbano. Mas, demos maior ênfase a uma tarefa de pesquisa pessoal, direta, cheia de dificuldades, sem dúvida, que, entretanto, nos permitiu chegar a alguns resultados válidos, que nos serviram de bases às conclusões.

Os fatos a estudar. — Alguns fatos nos despertaram a atenção no centro da cidade do Salvador. Inicialmente, sua repartião em dois andares: uma cidade alta e uma cidade baixa e em ambas a presença de paisagens contrastantes. Há edifícios novos, arranha-céus, em uma vizinhança e intimidade com velhos palácios e casas degradadas. Ainda em relação com o sítio, uma segregação funcional quase absoluta: um comércio de grosso e bancário na Cidade Baixa, um comércio retalhista na Cidade Alta. Há, também, uma multiplicidade de relações entre os aspectos puramente formais e os aspectos materiais do quadro. A presença de uma população pobre acumulada nas velhas casas do centro e os seus graves problemas, enquanto vastos terrenos continuam vazios.

Todos êsses fatos nos conduzem a uma série de problemas a discutir, mas nós poderíamos, talvez, incluir tais questões em três grupos: 1) as funções atuais da cidade e do centro e sua evolução, o que equivale a refazer tôda a história urbana e as relações mantidas entre cidade e região; 2) a paisagem atual do centro e sua formação; 3) a maneira como as funções e atividades urbanas se adaptaram à paisagem do centro da cidade, vale dizer, sua própria estrutura.

Tal divisão é, de algum modo, artificial, pois os elementos do conjunto mantêm fortes relações, como veremos mais além.

As funções urbanas. — Um primeiro fato a observar é a persistência da mesma função principal desde que a cidade conheceu um papel de capital regional. Na verdade, as demais funções, nascidas depois, são estreitamente dependentes ou relacionadas com a função portuária e comercial. A função industrial é uma filha do comércio. A função bancária serve quase sómente ao comércio e a outras atividades especulativas.

Um segundo fato a acrescentar é que a região urbana de Salvador reune zonas onde se faz uma agricultura comercial de exportação e zonas em que é feita uma agricultura de subsistência, de consumo local.

Salvador é o pôrto, a praça comercial dêsses produtos agrícolas de exportação; é também sua praça bancária. A coalescência das funções que se criou exerce um papel verdadeiramente conservador em relação à economia regional. A própria atividade bancária não serve à renovação da vida econômica do Estado. Ela fortalece apenas as atividades comerciais e especulativas. De outro lado, o banco canaliza recursos da região e da cidade e os manda para fóra.

A economia agrícola de subsistência se pratica segundo técnicas atrasadas. Ela é incapaz de criar centros urbanos de importância. Ela é também incapaz de sustentar uma população em crescimento. Daí a liberação de excedentes de mão de obra agrícola que se dirigem para a Capital do Estado, sob as fórmas mais variadas. Sómente 47% da população tendo mais que 10 anos de idade formava, em 1950, a população ativa da cidade.

A pobreza de uma parte do “hinterland” de Salvador e a natureza da economia da outra parte; a animação que obtêm, de um modo geral, as atividades especulativas, não trazem incentivo à implantação de indústrias. Assim, a população urbana cresce sem qualquer relação com as possibilidades de emprêgo, enquanto a zona de influência urbana se retrái. Daí o paradoxo, aparente, segundo o qual a Cidade do Salvador cresce não por causa de um dinamismo próprio, mas por causa da falta dêste dinamismo.

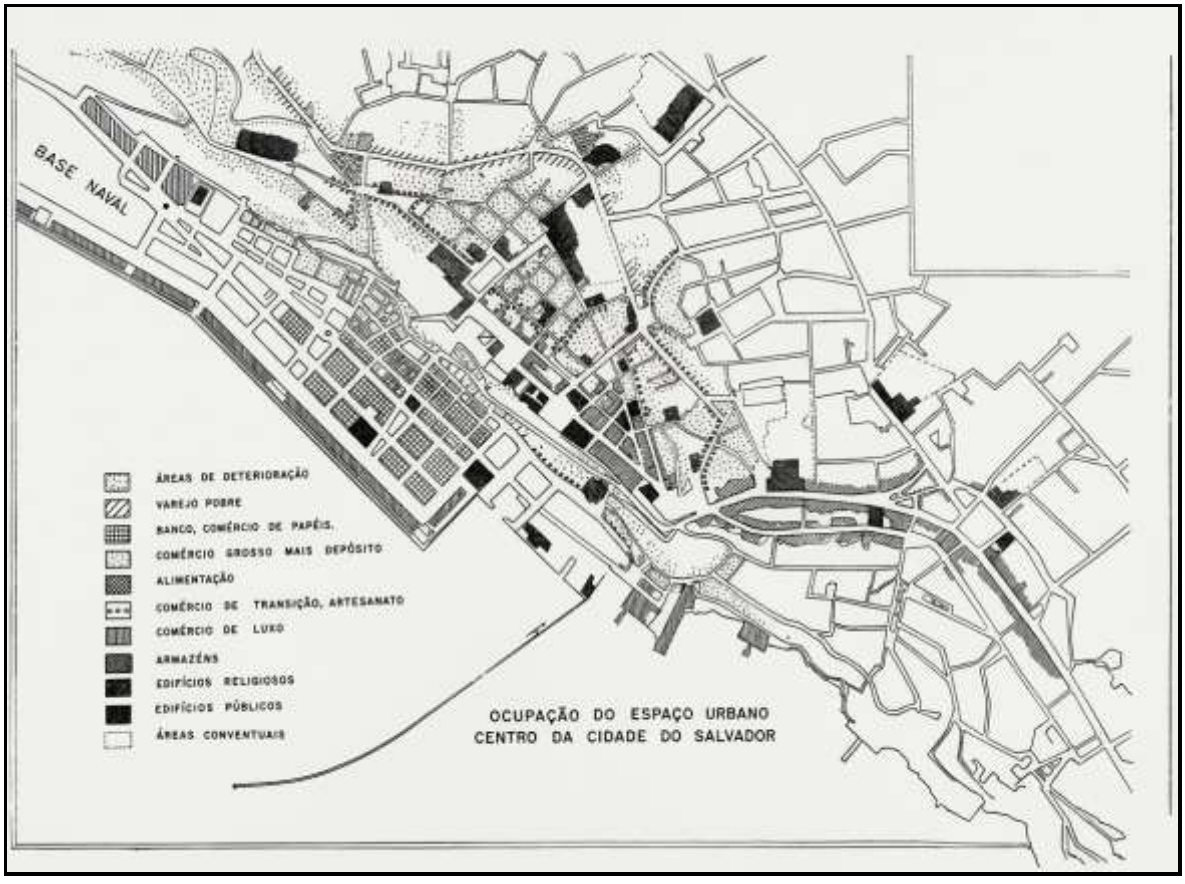
O papel da especulação sôbre os 3 grandes grupos de problemas da Cidade do Salvador — a função, a paisagem e a estrutura, nos levou a definir essa cidade como *“uma criação da economia especulativa, a metrópole de uma economia agrícola comercial antiga que subsiste hoje; ela guarda as funções que lhe deram um papel regional, mas embora atingida pelas novas fórmas de vida, que deve à sua participação nas fórmas de vida do mundo industrial, em sua paisagem subsistem ainda aspectos materiais de outros períodos”*.

Uma relação tão profunda entre os fatos da economia regional e a vida urbana constitúi um verdadeiro círculo vicioso do qual a macrocefalia da metrópole em relação à região é um resultado.

Um terceiro fato a observar é o fato de que Salvador é uma metrópole colonial de um país que não é polìticamente dependente. Dêsse modo, ela não recebe contribuição de capitais de fóra, que poderiam animar a vida regional e urbana. Salvador é sómente um exutório de capitais. Isso dá ainda mais relêvo ao papel da especulação na vida urbana.

A paisagem e a estrutura do centro urbano. — Todos êsses fatos vão encontrar uma inscrição sôbre o solo urbano, sobretudo no centro da cidade.

Figura 1 – Ocupação do espaço urbano na área central da cidade de Salvador



O velho papel de pôrto de uma agricultura comercial próspera favoreceu, outrora, o centro da cidade com a construção de belos palácios residenciais e sobrados. Essas casas, abandonadas depois pela população rica, servem hoje para abrigar uma população muito pobre. Estão em ruinas, quase tôdas.

Recentemente, o papel portuário da cidade provocou a remodelação do pôrto e, em consequência, a criação de um sítio artificial decorrente dos atêrros. Êsse “sítio artificial” acolhe as novas expansões do centro urbano. Dêsse modo, êle impede a renovação de uma parte da Cidade Velha. Nós dizemos uma parte, pois os regulamentos de proteção aos aspectos históricos exercem, também, um papel negativo.

Tais razões fazem da paisagem do centro da Cidade do Salvador um conjunto de bairros bem diferenciados dos outros bairros da cidade, com a justaposição de uma cidade moderna de tipo americano a áreas de cortiços. A importância da cidade moderna é tanto maior quanto ela representa, ao mesmo tempo, a concentração de funções da região e da cidade e a concentração das funções urbanas no centro.

Na verdade, o sítio original da Cidade do Salvador conduzindo à existência de uma Cidade Alta e de uma Cidade Baixa próxima ao pôrto provocou uma segregação de funções cada vez mais visível. A Cidade Baixa tem o centro de negócios. A Cidade Alta abriga o centro de atividades, com o comércio de retalho, a administração e os principais serviços.

Enfim, do ponto de vista da criação e da transformação da paisagem, as funções urbanas do Salvador se escalonam em degraus. No cimo da escala, estão as funções direta ou indiretamente ligadas à especulação. Isso explica os diferentes aspectos do centro. Bem próximo ao pôrto, quarteirões maciços de arranha-céus. Sôbre as artérias que servem aos transportes na Cidade Alta, as avenidas comerciais, arranha-céus são vizinhos de casas menos recentes. Enquanto isso, na Baixa dos Sapateiros, onde se encontra o comércio de retalho pobre, sómente uma meia dúzia de edifícios modernos.

Não há, todavia, uma relação absoluta de causa e efeito entre paisagem e função, isto é, entre o quadro e o seu conteúdo. A mesma paisagem pode abrigar funções diferentes. A mesma função pode se abrigar em paisagens diferentes. Não

há, sempre, uma conformidade entre paisagens e estrutura. Entretanto, podemos admitir a existência de funções capazes de criarem um quadro e funções incapazes de criarem uma paisagem. Estas aproveitam, transformam ou degradam a paisagem pré-existente.

BIBLIOGRAFIA

BONNURE (P.) — *Remarques sur la notion géographique de Cité* — Revue de Géographie de Lyon, Vol. XX, n.os 3-4.

CHATELAIN (A.) — *De la cité a la banlieue*, Les Études Rhodaniennes, Vol. XXI, n.os 3-4.

GEORGE (P.) — *La Ville, Le fait urbain à travers le Monde* — Paris, Presses Universitaires de France, 1952.

LABASSE (Jean) — *Les capitaux et la Région, étude géographique* — Paris, Colin, 1955.

SANTOS (M.) — *O Centro da Cidade do Salvador — Estudo de geografia urbana* (Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Strasbourg) — Publicação n° IV — 4 da Universidade da Bahia — Salvador, 1959.

TRICART (J.) — *L'Habitat Urbain* — Paris, Centre de Documentation Universitaire, s. d.

TRICART (J.) — *Contribution a l'étude des structures urbaines* — Revue de Géographie de Lyon, Vol. XXV, n.° 3.